



A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros)	48000
OITOMEZES (até ao fim deste anno)	32000
SEMESTRE (26 numeros)	25000
NUMERO AVULSO	1000
SUPPLEMENTO	500
NUMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Direcção de *José Barbosa*

ESCRITORIO E REDACÇÃO
115 Rua do Ouvidor 115

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 26 de Setembro de 1895

N. 21

A CIGARRA

Dois livros novos. *Questões de arte* é o volume de Parlagreco, o *egregio* professor da Escola de Bellas Artes. *Ideias e Phantasias* chama-se o volume do Sr. Viveiros de Castro, um moço illustre que dedica ás lettras o tempo que pode furtar aos seus arduos deveres de Juiz.



Apezar da viagem de Angelo Agostini á Europa, *Don Quixote*, a sua bella folha illustrada, continúa a fazer ruidoso successo, apparecendo com uma pontualidade ingleza. No texto, apparece agora, além dos outros escriptores que já *Don Quixote* possuia, o nosso bello Dermeval da Fonseca, que sabe ser jornalista de talento como ninguém.



Aqui temos o 1º numero da *Arca dia*, publicação de Arte, de que são directores Brito Mendes, Felix de Mello e Emilio Kemp. *A Cigarra* é suspeita para fallar da bella revista, que deu ao redactor d'esta folha a honra de lhe publicar o retrato, acompanhando-o de referencias amaveis.



INSTANTANEOS DO RIO DE JANEIRO



- A pontinha do cigarro, pelo menos, cidadão!



Ha um assumpto tão triste, para esta chronica tão alegre! Suspende por um momento o teu vôo, *Cigarra*, e paira por um momento, compadecida e meiga, sobre a cóva d'esta creança, que, de todas delicias e de todos os encantos que enchem a vida, só conheceu a delicia da paulada e o encanto do pontapé.

Nasceu na roça, em Macahé, de ventre negro.

A mãe foi escrava: conheceu de perto as ineffaveis doçuras do vergalho de couro crú, e pôde apreciar, com perfeito conhecimento de causa, que não ha no mundo cousas mais agradaveis do que um bom tronco, um bom par de algemas, e um bom pulso de feitor de fazenda. Quando veio a abolição do captivo, essa negra deu-se ao luxo de ter uma filha. Que desafôro! Ah! cadella! se não fosse o maldito 13 de maio, haviam de mostrar-te se negra pôde ter filhos!...

Mas, já não havia escravidão, e a negra tomou a liberdade de ter uma filha, que se chamou Isaltina. Deus, porém, que quasi sempre, não tendo mais que fazer, emprega o seu tempo em fazer crueldades, matou a velha negra. E Isaltina ficou só no mundo.

Uma senhora caridosa, que, nos depoimentos policiaes, figura com o nome de D. Joaquina, disse consigo: « Como hade esta creança ficar sósinha em Macahé? Nada! vamos fazer jús á bemaventurança do céo, levando esta menina para o Rio de Janeiro, e entregando-a a uma boa familia qualquer, que lhe dê o pão e o ensino! »

E assim veio a pequena Isaltina para o Rio de Janeiro. E é sobre a sua cóva humilde, *Cigarra!* que desejo pares por um momento, compadecida e meiga, — sobre essa pequenina cóva, em que ella, livre da bondade suprema da gente d'este mundo, está serenamente apodrecendo...

A boa familia, em cujo seio carinhoso veio Isaltina viver, encarregara-se de lhe dar pão e ensino. Não sei se lhe deu pão bastante: o que sei é que lhe deu ensino de mais. Tanto ensino e tão bom, que, em pouco tempo, a pequena, já conhecendo perfeitamente a vida, deliberou morrer... E morreu. Mas a policia, — que tem o pessimo costume de metter o nariz na vida alheia, — quiz saber que especie de ensino davam a Isaltina, e chegou á conclusão de que o methodo pedagogico empregado era contundente demais.

D'ahi o inquerito policial, que está fazendo tanto barulho.

Li com toda a attenção o depoimento da meiga e carinhosa senhora, a quem a policia deliberou pedir contas da vida e da morte de Isaltina.

Isaltina era uma peste-má. Tanto, que a boa senhora, tendo-se compromettido a dar-lhe ensino e pão, « logo dias depois de tel-o feito arrependeu-se, porque a menor Isaltina era de genio irascivel: e, dominada de máos sentimentos, exasperava-se á menor observação que se lhe fazia e, sempre de máo humor, proferia phrases inconvenientes e atrevidas, rasgava as proprias roupas, batia-se pelo chão, atirava-se de encontro ao fogão, etc. »

A policia teve a inepecia de perguntar á senhora porque, sendo tão má a creança, não tratou de desfazer-se d'ella, entregando-a a um asylo qualquer, ou a qualquer juiz de orphãos. Que tollice! Se a doce educadora tivesse feito isso, que valor teria o seu sacrificio diante de Deus? Quando tomou a peito dar ensino á creança, a educadora bem sabia que, quasi sempre, a caridade é mal recompensada. Por bem fazer, mal haver... Deus sabe com que magoa profunda, se viu ella obrigada, sómente por amor das conveniencias sociaes, a não pedir a Isaltina que a esbofeteasse, em plena praia de Botafogo, — afim de em tudo imitar o Divino Mestre, que, recebendo uma bofetada na face direita, offerecia logo ao esbofeteador a esquerda...

Disse a depoente que algumas vezes castigava a creança com chineladas e tambem com varadas, castigos estes, porém, ligeiros, e sem que produzissem offensa no corpo da menor, e isso em occasiões em que ella chegava a ter verdadeiros accessos de furia.»

Outra inepecia da policia: perguntou á senhora em que compendio de pedagogia encontrára a indicação do chinello de couro e da vara de marmello como compendios. Segunda tollice! A bordoada faz bem á alma e ao corpo. Creança que apanha está salva! Faz bem á alma, porque chamando toda a sensibilidade para o corpo, embrutece o espirito — o que é uma obra de caridade. E faz bem ao corpo, porque enrija os musculos: que é o moderno processo therapeutico da *massagem* senão uma applicação intelligente da bordoada?

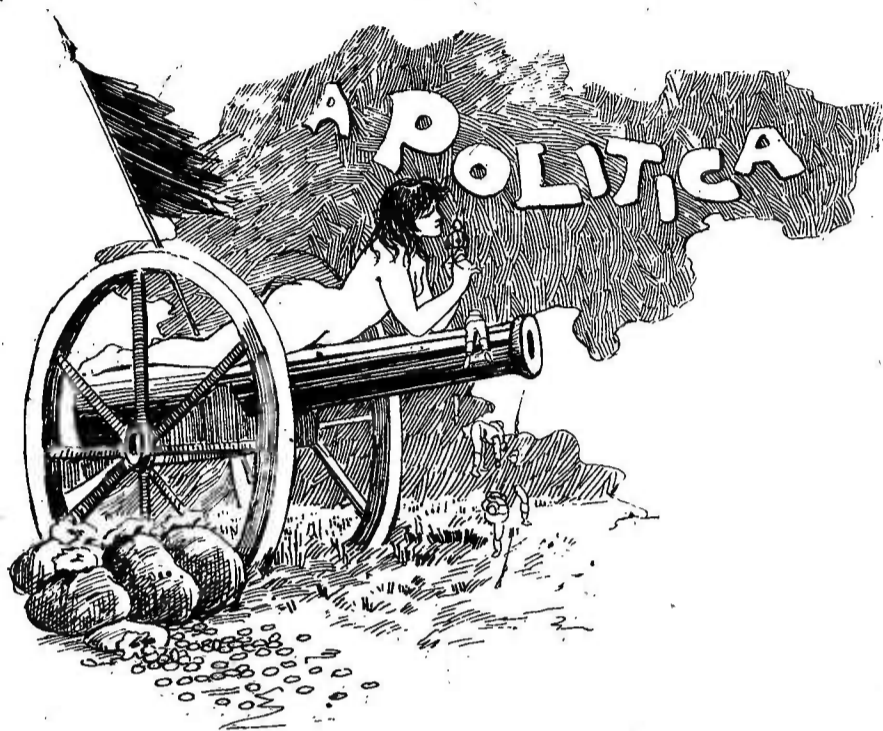
Más, por mais bem intencionada que fosse a virtuosa senhora, não conseguiu dar bons sentimentos a Isaltina. Tanto assim que (continúa a fallar a depoente): Isaltina era de tão máo genio, que de uma vez apanhou umas capsulas de sulphato de quinino e, dissolvendo-as n'agua, ingeriu-as, suppondo ser veneno.»

Que havia então de fazer a paciente senhora? Estava tão disposta a fazer em tudo a felicidade da creança, que, vendo-a tão desejosa de morrer, augmentou as doses do ensino, e mandou-a para o outro mundo, cheia de sevicias, toda moída de pancadas, toda arrebetada de máos tratos..

Suspende por um momento o teu vôo, *Cigarra!* suspende por um momento o teu estridulo riso ironico, e paira, compadecida e bôa, sobre a cova desta negrinha, filha de captiva, que, aos 7 annos de idade, na idade em que as creanças só cuidam em sorrir, buscava, com o rosto inundado de lagrimas e a alma cheia de desespera, obter por meio do suicidio a paz que a vida lhe negava...

Pobre! nem essa liberdade te deixaram! era preciso que morresses lentamente, não por tua vontade, mas pela vontade de quem te possuía... E era preciso que, depois de morta, ainda te cuspissem sobre a cova de martyr todas essas injurias, e todos esses improperios!

Fantasio.



Quando reli a minha ultima chronica, fiquei espantado. Achei-lhe um ar solemne de artigo de fundo, e pasmei, vendo que a minha velha penna, tanto tempo arredada da arena politica, ainda era capaz de pingar sobre o papel tanta coisa seria... Que estylo! que ideias! que circumspecção! que gravidade! Decididamente, volto a entregar-me de corpo e alma á politica.

Vem aqui a pello fazer uma declaração, pela qual muita gente espera.

Não ha leitor d'*A Cigarra* que não deseje saber quem é L. F.— Não direi quem sou: mas direi quem não sou. Quando o meu amigo Olavo Bilac me pediu que tomasse conta d'esta secção d'*A Cigarra*, ponderei-lhe que os meus cabellos brancos ficariam mal aqui. « *A Cigarra* é moça e jovial! que posso eu, já tão velho, fazer dentro d'ella? » — Mas, Bilac, que sabe, quando é preciso, adular e mentir, disse-me, entre d'us abraços: « Deixe-se d'isso, doutor! *A Cigarra* é até capaz de dar mocidade á atriz Ismenia! » E, pois, entrei para *A Cigarra* onde, forçando a minha indole, tenho procurado ser alegre e moço... Infelizmente ás vezes, como no passado numero, o conselheiro Acacio, que ha dentro de mim, surge com todo o seu dogmatismo rebarbativo, e todas as suas pesadas maneiras. E o meu amigo Bilac está pagando caro a impertinencia com me obrigou a vir para aqui fazer de moço: as populações, não atinando com o meu nome, já dizem que L. F. é elle,— elle, Bilac. Coitado!

Fiquem as populações sabendo que entre Bilac e L. F. ha um abysmo. Elle tem vivido a fazer versos e eu tenho vivido a fazer artigos de fundo. Não insultem o rapaz, não magoem o poeta. E, se querem saber o meu nome e completar as minhas iniciaes, procurem um Almanak Laemmert de 1889, que acharão o meu nome entre os deputados da penultima camara do imperio. E, dito isto, vamos ao Amapá.

X

Veiga Cabral... aqui está um nome modesto, desconhecido até hontem, illustre e glorioso hoje. Este patriota não affirmou o seu patriotismo, como tantos outros que bem conhecemos, insultando todo o mundo, vivendo dentro da verba secreta como o rato da fabula dentro do queijo flamengo, applaudindo quanto estado de sitio houve, ha e está para haver.

Para affirmar as suas convicções republicanas, Veiga Cabral não fez da degola de irmãos uma medida de salvação da patria; não teve necessidade de viver ajoelhado aos pés do Marechal de Ferro, supplicando um pouco de dinheiro e um pouco de honras militares; não precisou fazer-se espião de policia, nem delator dos proprios parentes e dos proprios

amigos. Em vez de mandar gente á morte, foi elle proprio apresentar-se a ella, peito a peito, fazendo sacrificio da sua vida em favor da honra brasileira.

Agora mesino, lá está elle, com duzentos homens só, mal armados, mal disciplinados, á espera da França. Verão que, qualquer d'estes dias, recebe elle os titulos de Inimigo das Instituições e de Sebastianista. Bons republicanos e bons amigos das Instituições são os que ficam fazendo motins na rua do Ouvidor, entre um bock e um cigarro.

X

De hoje até quinta-feira, quanta coisa póde succeder! Este artigo, com tudo quanto traz no bojo, póde, na proxima quinta-feira, parecer ridiculo, porque d'aqui até já, póde, por exemplo, provar-se que realmente ha os taes mil e oitocentos homens desembarcados em Calcoene, e que, de facto, ha tres navios de guerra da França cruzando na costa do territorio contestado. Mas, pouco-importa. A noticia, assim mesmo falsa, já deu logar a manifestações. Em S. Paulo, um grupo, exaltado de patriotismo apedrejador, arreventou, para insultar a França, as vidraças da casa Garraux. Agora, se se confirmar o boato, verão que, depois de mais alguns vidros quebrados, o patriotismo, cansado de tanto berreiro, recolher-se-á pacatamente aos seus lares, e esquecer-se-á do Amapá como se esqueceu da Trindade.

No entanto, amigos meus, temos tão ao alcance da mão o meio de fazer guerra á França, se ella, realmente, esquecida de todos os os seus deveres de nação civilisada e de todas as amabilidades que nos deve, se atrever a surripiar-nos o Amapá!

Não temos esquadra, nem boa nem má? não temos exercito que possamos oppor a esse brilhante exercito francez a que Faure acaba de passar revista em Nancy? E' verdade. Mas, para quebrar a castanha dentro da gulosa bocca da França, temos um meio magnifico: é attacal-a no seu bolso.

A França, por quem tenho a mais viva das sympathias, é amiga de ganhar dinheiro,— no que faz muito bem. Ella sabe que nós lhe damos dinheiro a rôdo, ella sabe que o nosso mercado é um grande consumidor dos seus productos, ella sabe que grande parte do commercio brasileiro é francez. Pois que tome conta do Amapá! Que, sem ter necessidade de quebrar vidraças, lhe fechemos nós os nossos portos, e deixemos as casas francezas ás moscas! Quando ella se vir lesada no bolso, tratará de evacuar o Amapá... Olhe, amiga França! apesar de toda a nossa pobreza, você gosta tanto do nosso dinheiro, que até ha jornaes francezes subsidiados pelo Brasil.

X

Infelizmente, desconfio muito da praticabilidade da ideia. Para fazer isso, é preciso antes de tudo ter constancia: e nós somos inconstantes como o vento. Muito barulho, muito grito, muita bordoadá, e depois muita indiferença... O engraçado é que já ha quem, com os olhos cheios de lagrimas, esteja bradando: « Ai! Floriano! que falta nos fazes tu!... » Pois, sim! No tempo d'elle, só porque um commandante de navio italiano apanhou uma sóya em Santos, mandamos logo ao local do crime o navio-chefe da nossa esquadra, com o ministro da marinha a bordo, dar satisfações á bandeira italiana...

Esperemos!

X

A amnistia... Que vaê haver? talvez, quando fôr publicada esta chronica, já a sorte dos revoltosos de setembro esteja decidida. Quando, no seio da commissão de Constituição, Legislação e Justiça da Camara, se discutiu o parecer sobre o projecto, um deputado, o sr. Martins Costa, disse que « os revoltosos não se submeteram: esperam, com as armas na mão, o que se vai resolver: e, pois, a pacificação foi illusoria. » No mesmo dia em que se dizia isso na Camara, o sr. presidente da Republica no Itamaraty, dizia: « Ou se consolida a obra da pacificação, ou eu deixo o poder! » Que vaê sahir d'este conflicto?

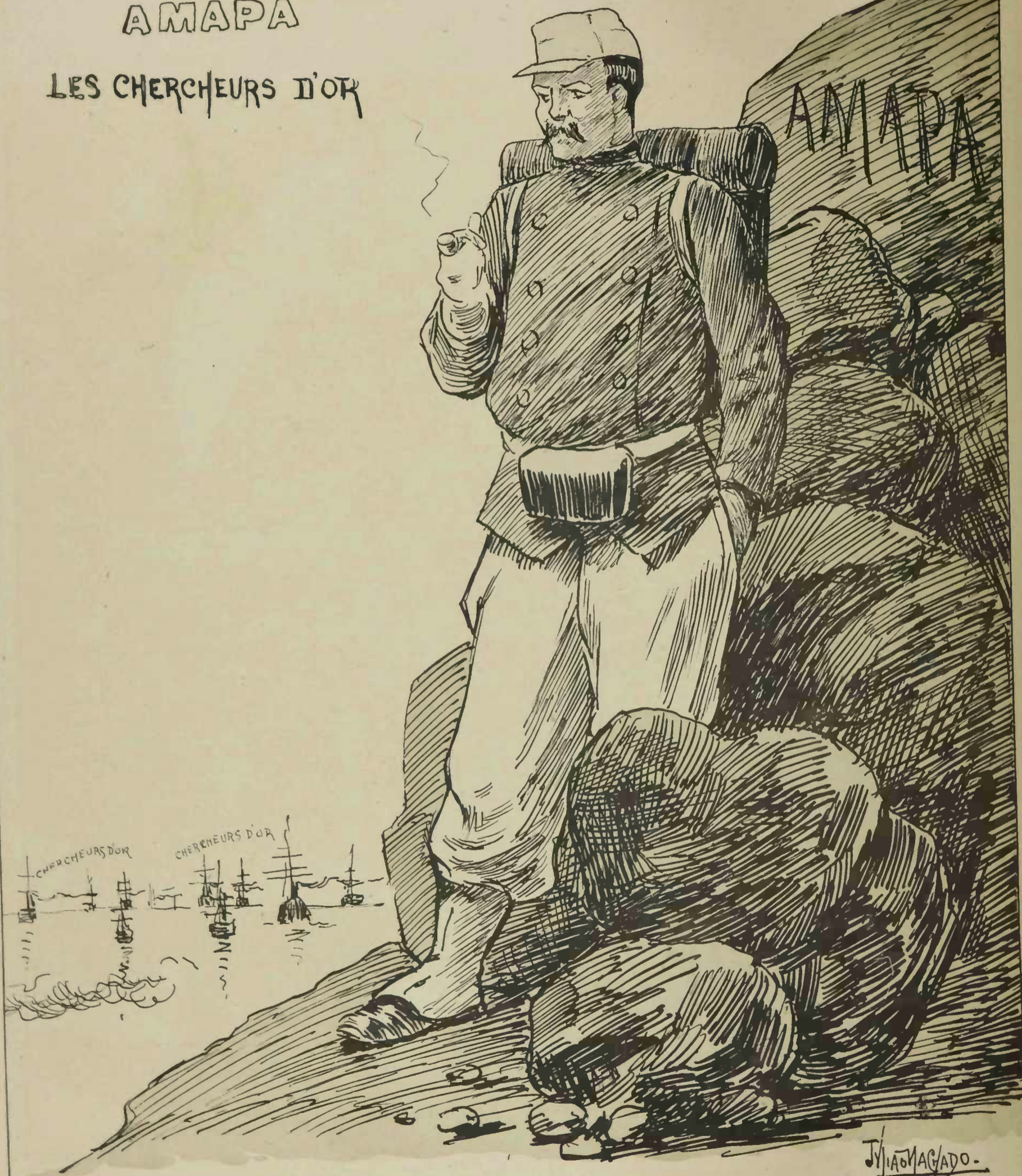
X

Ha quem esteja rejubilando, com essas palavras do chefe do Estado. Por mim, confesso que ellas me fazem medo. Não se consolidar a obra da pacificação é, por si só, uma grande desgraça, que não precisa de ser acompanhada pela desgraça maior de ficar abandonado o Itamaraty...

L. F.

AMAPÁ

LES CHERCHEURS D'OR



— Cré nom de nom! Ce qu'il faut en avoir de l'or, ici, pour qu'ils ne se fassent pas du mauvais sang! Pourvu qu'ils en trouvent assez pour s'acheter des lunettes!...
Il paraît qu'y a plus de louis sur les boulevards... il n'y a que des louis!

THEATRO NACIONAL

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

HAMLET-GLYCERIONS



Thiago Magalhães
A REPORTER da
CAZEA DE NOTÍCIAS

— Vae para um convento!... Mas olha, se não quizeres ir para um convento — vae para o diabo e não me amoles.

CANCIONEIRO

V

LAUS VENERIS

Brusco, lesto, vibra e timbra o relógio... e nada mais.

Em frente, impassíveis, o céu, oculado de estrelas, e o mar, alvorado de espumas.

O céu placido, o mar manso... Será meu coração maior do que elles ambos?

Sinto muito mais luz dentro em mim, muito mais luz do que existe no céu, porque surges, na minha saudade viva, nua, palpitante, rindo: e o tumulto do meu coração é bem maior do que o chofrar perenne do oceano.

Porque não vens? O tempo vò... Ha duas anciedades irmãs: a do moribundo e a do amante — esperar a morte, esperar a vida... Que terá acontecido?!

Batem á porta delicadamente: tres pancadas, tres... Corro precipitado...

Oh! que cortejo, Deus! As princezas das terras levantinas não trariam divicias mais preciosas. Entra um suavissimo perfume, volatiza-se, evola-se, toma todos os cantos, e a alcova inteira fica n'um ambiente cheiroso. Oh! sensualissimos labios! aromalissima bocca, que apenas um vocabulo disseste, um só, meu nome! e a alcova inteira guarda o echo da tua palavra, que é o aroma.

Sol nocturno... e neve ao mesmo tempo, e estrellas, e rosas... que promiscuidade de astros e de flôres! E' a tua trança loura, são as tuas faces, são teus olhos, é tua bocca e, por fim, o supremo triumpho, o Laus Veneris incarnado, tú! que atravessas, como uma deusa, o limiar do meu retiro, cheio de ancia de amor...

Meu Deus! não ha tanta luz nem tanto aroma em minha alcova, de manhã, quando abro ao sol as portas, de par em par...

Oh! volupia dos olhos! Flamma subtil das lúcidas pupillas! que claridade, que divino extase concentras, que bemfasejo calor prodigalisas!

Olhos, astros do amor! astros sensuaes do céu dos beijos, salve! salve! salve!

VI

NA ESTRADA, AO SOL

E' larga a estrada e brilha ao sol. Vai por ella fóra, farnel cheio ás costas, olhos altos, no céu, a cantar, parodiando os gaturamos, um rapazinho louro; vem por ella, de cajado em punho, o embornal vasio, um velhinho, tardigrado e tremente, desesperançado, d'olhos no chão, acompanhando a sombra. E o rapazinho, a cantar, dividindo o que leva com a terra, com as aguas, com a luz, com o passaredo, não vê que o seu farnel vai escasseiando; e o velhinho, a tremer, as mãos engelhadinhas, a olhar, a olhar, a olhar a larga estrada, em luz.

— Onde vais, louro infante?

— Além!

E o velhinho, a sorrir, triste e tremente: De lá venho eu assim como estás vendo...

— De lá vens, dizes com tanta magua, pobre velho!... Não viste, então, as montanhas azues e as aguas de prata? não colheste, nas arvores, os fructos d'ouro, ou a dama que possuiste foi perjura e perversa...

— De lá venho,— diz o velho,— tão só e compassadamente.

— E onde vaes?

— Para o sitio d'onde vens: buscar descanso. Volta commigo, louro infante... Mais vale o fumo azul de uma cabana que a nuvem doirada que além passa... Volta commigo...

— Que! Tornar atraz? tornar ao mesmo sitio? Deliras, pobre velho... Vem tu commigo, anima-te!

— Eu! ?— E o velhinho, a rir, sem dentes.— E que fazes? attenta no que fazes! Porque, a mancheias, desperdiças a fortuna que levas? Sê mais avaro, louro infante; guarda o teu bem, para que te não succeda, á volta, o que a mim succede: soffrer fome, soffrer sede, soffrer frio e o desengano.

— Pois não estás vendo, velhinho, que o que vou semeando rebenta em flôr e trescala, surge do ninho e é canto alado, torna-se em arvore e dá fructo, enche a natureza toda de alegria?

— Tambem pareceu-me assim quando eu, como tu, tinha os cabellos louros; tambem pareceu-me assim, já me não parece agora. Alonga o teu olhar noviço: que avistas por lá, que avistas?

— Espinhaes, espinhaes, mais nada avisto...

— E que ouves, louro infante? Escuta...

— Pios d'aves tristes... nada mais.

— Foi o eu que semei. A principio, como te succede agora, pareceu-me ver flores e ouvir trillos, e fui semeando, semeando: emtanto ahí tens: mochos e espinhaes, mochos e espinhaes... Torna commigo, louro infante! Aquillo que além avistas é perfidia. N'aquellas serras azues, móra um feiticeiro maligno, que se chama Ideal. Vai-se attrahido pelos seus sortilegios, vai-se e, quando, como me aconteceu, de lá se póde tornar,— porque o maior numero lá fica,— é assim, como me vês: pobre, o coração vasio como este embornal, e triste. Torna commigo, louro infante! E' mais doce do que o gorgeio do gaturamo a cantilena de tua mãe. Tudo, por esta estrada longa, é illusão, é perfidia.

— Que importa? as montanhas d'além são tão azues, que parecem feitas de céu...

— Torna commigo ao teu casebre, infante!— Tudo é illusão e perfidia. Eu de lá venho, das montanhas, e sei: torna commigo...

— Adeus, velhinho! Adeus, velhinho!

E lá vai, estrada fóra, farnel cheio ás costas, olhos altos no céu, a cantar, o rapazinho louro. E o velhinho, vendo-o seguir, suspira:

— Pobre creança, desgraçado infante, como vai soffrer... Elle a querer ser velho e... (pobre de mim! e pobre d'elle!...) eu a querer tornar a ser creança!

Coelho Netto.

A companhia de seguros de vida *A Educadora*, de que é presidente Valentim Magalhães, commemorou na passada sexta-feira, o seu quinto anniversario, com um almoço e um grande baile. De manhã comeu-se bem, á noite dansou-se melhor. E não faltaram saudações á sympathica e gloriosa companhia, que, tendo de lutar com a terrivel concurrencia das companhias estrangeiras, conseguiu, em cinco annos, conquistar a confiança do publico, e prosperar.



Esta secção andou errada, desde o seu começo, chamando-se *Theatros*. Nem só os theatros enchem a noite, para regalo d'esses animaes exóticos, a que a sociedade dá o nome de *noctívagos*. Não me pejo de dizer que pertenço a essa especie animal. Quando a luz violenta do sol desaparece, quando as estrellas se accendem gloriosamente no céu alto, quando cá em baixo, ao longo das ruas cheias de barulho e de vida, os bicos de gaz, como outras tantas estrellas, começam a piscar,— é que eu começo a viver bem.— Não vos espante esta profissão de fé: na minha ultima chronica theatral d'*A Cigarra*, declarei lealmente que tenho quarenta e cinco annos.

N'esta idade, já os olhos estão cansados de ver o sol: e a alma, já bastante cheia de desenganos, prefere não ver bem o que vae pela vida. O sol foi feito para as creanças e para as rosas. A noite foi feita para os velhos e para as corujas.

Depois, só á noite é que, para os homens da minha idade, as mulheres são bellas. O sol é indiscreto: mostra os estragos da madureza, os pés de gallinha que cercam os olhos, os cravos que picam a polpa do nariz, as rugas que gretam os labios, as camadas de khol que tentam dar ás palpebras a frescura perdida... Viva a noite, Suprema Consoladora da Velhice! meiga mãe do Amor e do Segredo!

Direis agora: «Vejamos em que empregou as suas sete ultimas noites este noctívago!»

Estaes enganados! Não ides ver cousa alguma! — Posso dizer-vos que tenho corrido todos os theatros; que tenho ido ao *Lyrice* ouvir Tiozzo e Cuneo, outra vez abandonados do publico, depois de abandonados da *Serpentina*, que tenho doi ao *Variedades*, admirar a coragem com que Emilia Adelaide teima em representar *Sardou* para um publico que só quer *Planquette*; que tenho ido ao *Sant'Anna*, ouvir o *Ai! Minha*

bella Florinda! do *Gato Preto*; que tenho ido ao *Apollo* ver as engraçadas macaquices do Frégoli; que tenho ido ao *Recreio* saber em que é que *Clarinha* gastou os seus *umle e oito dias*; e, finalmente, que tenho ido ao *S. Pedro* admirar as creanças da *Cendrillon*...

Se não ficaeis satisfeitos com isso, posso ainda dizer-vos que, por horas longas, abancado a uma mesa do *Coblentz*, diante dos *chopps* espumantes, eu e o José Barbosa, temos fallado de Deus, do Diabo, das Mulheres e dos Homens. Mas, não posso dizer-vos mais nada. O que tenho feito, além d'isso, é segredo de alcova.

Ah! perdão! posso dizer-vos tambem que, na passada sexta-feira, vi as festas da colonia italiana. Já não trato do soberbo prestitoorganizado á tarde por essa brava e sympathica gente, que nos deu uma famosa lição de patriotismo. As tardes não entram no meu programma: sou o homem das noites. Por isso, só me refiro ao bello espectáculo de gala realisado no *Lyrice*, e ao deslumbrante fogo de artifício queimado no largo do Rocio.

Não pécco por excesso de patriotismo, palavra de honra... Mas, fiquei com inveja dos italianos!

Ainda ha pouco tempo, 7 de Setembro passou sem um foguete. 15 de Novembro ahi vem, e pelos modos, vae ser tambem consideravelmente chôcho... O nosso patriotismo dá quando muito para... berreiro e bordoadá.

Ora, para terminar, deixae-me dizer-vos que amo a actriz Palmyra Bastos. Sabeis porque? Por varios motivos; 1º porque ella é formosa; 2º porque tem talento; 3º porque tem graça; 4º porque é bem educada; 5º porque, em geral, amo todas as mulheres; 6º porque, em geral, todas as mulheres me amam, e 7º porque Palmyra Bastos, tendo de fazer beneficio no proximo dia 2 de Outubro, escolheu, para essa bella festa artistica, uma peça que se chama

Imaginae! uma peça que tem o mesmo nome d'esta folha em que eu faço de Sarcey! uma peça que faz lembrar esta folha rutilante!

Palmyra Bastos disse-me hontem que, deslumbrada pelo successo que tem obtido *A Cigarra*, tratou logo de collocar a sua festa sob a egide d'este nome abençoado. Fez bem! fez bem, gentilissima Palmyra Bastos! Quer ver o que é reclame? ouça lá!

— Eu, *Puck*, soberano Pontifíce da Arte Dramatica brasileira, faço saber a quantos esta luminosa chronica virem que a 2 de outubro de 1895 beneficia-se Palmyra Bastos, no *Theatro Apollo* com a peça

A CIGARRA

e, usando da minha alta auctoridade de chronista theatral d'

A CIGARRA

declaro que banirei do meu amor todos aquelles que, na noite de 2 de outubro de 1895, não forem ao *Theatro Apollo*, applaudir Palmyra Bastos na peça

A CIGARRA

E tenho dito.

Puck.

A SEMANA



Ella - th! o que é isto. Tenho estado à tua espera para nos apilarmos.
 Elle - Previno-me contra um caso de incendio



ZAIRA TIOZZO PARTE PARA S. PAULO levando as melhores recordações do publico do Lyrico e promete voltar quando tiver no seu repertorio o SAL e PIMENTA, o MIMI MAXIXE e o GATO PRETO.
 Desenguiça AMANHA o LYRICO onosso jovem amigo Silva Pereira.

SAHE?
 FICA?

A PRESIDENCIA ESPERA A RESPOSTA A HORA em que a Cigarra entra na rova machina dos Bevilacqua

H. VILHOMACHADO.